

# ILUSTRACÃO POPULAR

CHRONICA SEMANAL

REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETTRAS

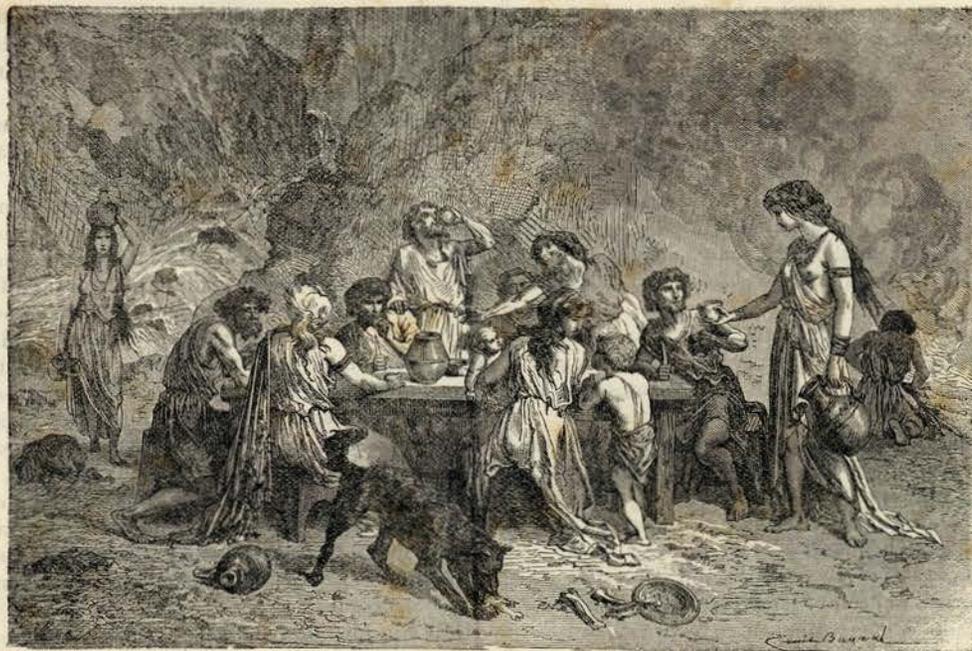
PROPRIETARIO — HUMBERTO S. PINTO

CORRESPONDENCIA A LIVRARIA POPULAR, R. AUGUSTA, 222 — LISBOA

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO POR ANNO OU 52 N.º 1.000 RÉIS — CADA N.º 20 RÉIS

ANNO 1.º | LISBOA, 25 DE DEZEMBRO DE 1884 | NUMERO 26



UM BANQUETE NA ÉPOCA DO BRONZE

## CHRONICA DA SEMANA

SUMMARY — Escolas moveis pelo methodo João de Deus —  
A missão de S. Simão da Junqueira — Um benemerito

A INSTRUÇÃO popular é, em todas as nações cultas da Europa, o pensamento constante dos estadistas, um objecto de assiduo estudo para os homens de letras, e o problema que desejam resolver todos os pensadores.

Instruir o povo equivale a dar-lhe a noção exacta de todos os deveres e portanto a estabelecer o perfeito equilibrio social, de que dependem o engrandecimento das nações e a felicidade dos povos.

Trabalhar para esse fim é cooperar para a realisação do mais generoso incentivo e da mais sublime aspiração: e mais dignos são de louvor os que se propõem a esse fim, n'um paiz como o nosso, onde escaceia o auxilio official e sobra a inveja dos insignificantes.

A instrução primaria é o noviciado obrigatorio para a profissão scientifica; noviciado difficil para a creança e custoso para o adulto, e que, até agora, demandava annos de applicação e de estudo, porque os methodos usados eram illogicos, porque a rotina era a norma do ensino e porque não era facil substituir os processos primitivos por outros mais proveitosos e proficuos.

Quando João de Deus annunciou a *Cartilha Maternal*, os adoradores d'aquella formosa intelligencia, os idolatras d'aquelle lucido espirito, os crentes d'aquelle esplendido talento, receberam jubilosos a noticia, porque sabiam que o nome do auctor era garantia segura da excellencia do seu methodo; e houve logo quem desejasse experimentar-lhe o alcance para calcular-lhe o valor.

João de Deus abriu um curso para habilitar professores, ao qual concorreram alguns amigos do poeta e alguns curiosos de novidades litterarias e scientificas.

A primeira prelecção revelou aos assistentes a vantagem do methodo *João de Deus* sobre todos os outros methodos conhecidos e em breve espaço começaram os ensaios, que deram resultados surprehendedentes.

Lembra-nos que visitamos um dia a casa da Correção, onde era vice-director um padre tão illustrado como sympatico, o revd.<sup>o</sup> Vieira de Mello, o qual nos apontou dezenas de individuos, alli reclusos, que em cento e vinte lições aprenderam a lêr, a escrever e a contar.

Nós assistimos a uma lição e tambem ficamos surprhendidos com a excellencia d'aquelle methodo, claro, luminoso e racional.

Já lá vão alguns annos, os sufficientes para não dever existir no paiz um analphabeto, se os governos, as juntas geraes dos districtos e os municipios olhassem, como lhes cumpre, pela causa da instrução; e o methodo, de que fallamos, não teve ainda um ministro, uma junta districtal ou um municipio, que o adoptasse ou pelo menos que o ensaiasse com os outros, que vão prevalecendo, para condemnar depois da prova aquella que menos valia tivesse.

Não se fez isso ainda, mas a iniciativa particular tem suprido a inercia official; e é bom que isso se saiba, não só para louvor dos benemeritos, que se interessam pela instrução popular, como para incentivo de outros, que podem tambem fazer algo em favor d'ella.

Não sabemos se iremos melindrar com a publicidade do seguinte facto a modestia do cavalleiro, que o praticou; mas é tão santa a intenção que nos julgamos antecipadamente redimidos da culpa.

Ha no concelho de Villa do Conde, na freguezia de S. Simão da Junqueira, um proprietario rico, intelligente e brioso, que solicitou da benemerita associação das *Escolas Moveis pelo methodo de João de Deus* uma missão para aquella freguezia.

A associação accedeu immediatamente ao pedido e encarregou o illustrado professor, João Antonio Epiphanyo Baleisão, d'essa tarefa.

No dia 9 de agosto abriu-se a matricula e no dia 11 inaugurou-se o curso diurno com 34 discipulos e o nocturno com 16, tendo de fechar-se a matricula com esse numero, porque o edificio não comportava maior numero de discipulos.

No fim de 120 lições esses cincoenta individuos sabiam lêr, escrever e contar, como consta da acta dos exames, a que se procedeu na mesma freguezia, em presença de illustrados cavalleiros de Villa do Conde e do Porto, que foram convidados para assistir áquelle acto.

Não é necessario dizer mais em abono do methodo, mas resta dizer o nome do benemerito cidadão, que solicitou a missão e offereceu ás Escolas Moveis pelo methodo João de Deus a quantia de 300.000 réis.

Se ha actos de generosidade, que mereçam o galardão social, é decerto um dos que mais se recommenda ao respeito e á consideração publica, o que praticou Manoel Ferreira de Campos.

São cincoenta individuos, que elle beneficiou com o precioso capital da instrucção primaria. Foram cincoenta cegos, a quem elle abriu os olhos do espirito. Foram cincoenta amigos, que elle adquiriu com o seu acto de abnegação e desinteresse.

O municipio de Villa do Conde, em vista do facto, deve aproveitar o exemplo mandando os seus professores aprender o methodo, para ensinarem por elle depois.

Na presidencia d'aquella camara está um cavalheiro, tão distincto pela intelligencia, como pela illustração, e é de presumir que a sua iniciativa se manifeste n'este assumpto, que é de certo um dos mais importantes para a prosperidade dos seus municipes.

Ao sr. Campos cabe a honra da prioridade de ter dado um exemplo, que hade ter imitadores nas outras freguezias d'aquelle concelho, onde ha cavalheiros igualmente ricos, igualmente intelligentes e igualmente entusiastas pela causa da instrucção popular.

O futuro nos dirá se nos enganamos.



## DESCRIPÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

A NOSSA primeira gravura representa um banquete na época de bronze.

A sciencia classificou por épocas a historia da humanidade para assim facilitar o estudo dos factos, que se relacionam com as investigações archeologicas e d'ahi nasceu a classificação da edade da pedra, da edade do bronze e outras, que foram adoptadas, e pelas quaes se designam uns determinados tempos historicos.

O homem é um animal sociavel e por isso em todas as épocas se encontram vestigios dos seus agrupamentos, constituindo nacionalidades mais ou menos numerosas, com independencia propria, com leis e costumes seus e com fórmas de governo acomodadas á indole e ao caracter de cada um.

Os banquetes foram sempre e em todos os tempos uma maneira solemne de festejar os acontecimentos notaveis quer da collectividade — nação — quer da collectividade — familia.

A civilisação não alterou o costume, embora o modificasse na forma, e a nossa gravura, representando um banquete na época do bronze, pôde accusar a rudeza dos costumes d'aquella época remota, mas affirma inquestionavelmente que já

então os banquetes eram uzados para commemorar os grandes acontecimentos.



A nossa segunda gravura representa um banquete funerario em remotas eras historicas.

O respeito pelos mortos e as honras funebres são coévas da humanidade e na historia de todos os povos, nos annaes de todas as civilisações, se encontram vestigios da consideração, que os vivos prestavam aos seus mortos.

Essas manifestações de saudade e de respeito é que variavam de povo para povo, como ainda agora differem de nação para nação e até, entre nós, de provincia para provincia e de povoação para povoação.

No Minho ha ainda algumas terras, em que se usam banquetes funerarios e lembra-nos que, não ha ainda muitos annos, em Braga, não se accendia lume na casa, em que se tivesse dado um obito, e que as familias das relações do finado mandavam lautos jantares aos doridos, com os quaes os vinham partilhar.

E não eram só jantares, eram almoços e ceias, e durante tres dias o lár estava sem lume e a dispensa, a adega e o celleiro sem desfalques.

Esta usança era tradicional na *Roma* portugueza, onde, apezar das evoluções sociaes, se conservam ainda antiquados uzos e velhas costumeiras.

As commemorações funebres, quando não tivessem outras significações, bastava, para tornal-as respeitaveis, a saudade que as inspira, os affectos que representam. E como o sentimento é um dos distinctivos do homem, em todos os tempos e em todas as edades elle se manifestou em honra dos mortos, como um preito de saudade, quer commemorando acções heroicas dos que se finaram, quer traduzindo o amor d'aquelles que lhes sobreviveram.



A nossa terceira e ultima gravura representa a caça da renna.

No jardim zoologico de acclimação, ha pouco inaugurado no esplendido parque do palacio de S. Sebastião da Pedreira, pertencente á familia do fallecido par do reino José Maria Eugenio de Almeida, pode vêr-se um bello exemplar d'estes mamiferos, que constituem a principal alimentação dos povos do norte, alguns dos quaes quasi que vivem exclusivamente da caça d'esses quadrupedes.

A caça da renna não offerece os perigos das caçadas, que se fazem na Africa e na India, onde

o leão e o tigre, o leopardo ou a panthera defendem a vida com a agilidade e a força, que os tornam tão temíveis. A renna é um animal covarde, pouco agil, que não sabe defender-se, e que procura unicamente na fuga a salvação.

e da qual as virtudes não são sufficientemente utilizadas.

Em muitos casos, taes como febres nervosas, embaraços gastricos, etc., em lugar de se fazer uso de toxicos e outros medicamentos, cujos ef-

feitos são muitas vezes mais funestos, que os males, uma simples infusão de algumas flores de camonilha, n'uma chavena de agua a ferver, é excellente em caso de indigestão, e substitue o café vantajosamente.

Reduzidas as flores em pó, e addicionando-se-lhe mel, podem combater as febres, e nevralgias intermitentes.

Maceradas as flores em azeite, durante duas ou tres horas e filtrando-se em seguida o liquido, obtem-se um excellente linimento para o rheumatismo, e principalmente para as dôres de ventre; pôde-se ajuntar uma porção de camphora a esta preparação.

As proporções devem ser de 50 grammas de flor de camonilha, 3 grammas de camphora e 500 grammas de azeite.

Deve empregar-se a especie chamada camonilha romana.



## MINIATURAS

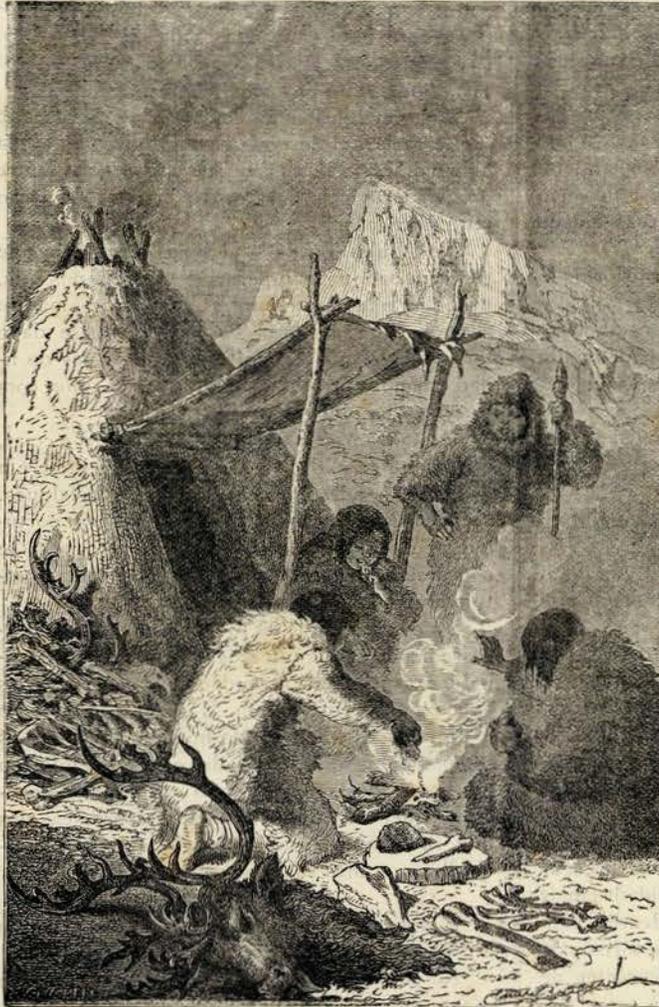
D. PEDRO I

**E**STE monarcha era filho do rei D. Affonso iv, *O Bravo*, e de D. Brites de Castella.

Nasceu a 8 de abril de 1320, e subiu ao throno em 28 de maio de 1357, quando contava 37 annos de idade.

Ardendo em vivissimos desejos de vingar a morte de D. Ignez de Castro, o seu primeiro

cuidado, subindo ao throno, foi travar relações de amizade com o rei de Castella, D. Pedro I, *O Tyranno*, resultando d'essas relações o contracto do rei de Castella lhe entregar os assassinos d'aquella senhora, os quaes viviam n'aquelle paiz, para onde tinham fugido, aconselhados por D. Affonso iv, quando estava prestes a



UM BANQUETE NA ÉPOCA DA RENNA

## CARTEIRA UTIL

**C**OM a devida venia transcrevemos do *Diario de Noticias* o seguinte interessante artigo, relativo ás applicações therapeuticas da flor da camonilha:

«A camonilha é uma planta muito commum,

morrer, não pensando que a colera do rei, que elles tanto tinham offendido, matando a sua esposa querida, os fosse perseguir n'esse exilio voluntario, com a condição porém do rei de Portugal entregar tambem uns tres fidalgos trans-fugas do paiz visinho, que o rei de Castella queria colher ás mãos.

Eram os portuguezes, Pero Coelho, Alvaro

porque mandou tirar o coração pelos peitos a Pero Coelho, e a Alvaro Gonçalves pelas costas; e quaes palavras houve, e aquelle que lh'o tirava que tal officio havia pouco por costume, seria bem dorida coisa de ouvir, emfim mandou-os queimar; e tudo feito ante os paços onde elle pousava, de guisa que comendo olhava quanto mandava fazer.»



A CAÇA DA RENNA NA EDADE DA PEDRA

Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco, que escapou, vestindo os andrajos d'um pobre, que o avisou, quando andava á caça; e os castelhanos eram: Rodrigo Tenorio, Fernando Gudiel de Toledo, e Fortun Sanches de Calderon.

Uma escolta portugueza fez entrega, na fronteira, dos tres fidalgos, recebendo em troca os dois.

D. Pedro sentiu uma alegria feroz, quando viu em seu poder os assassinos de D. Ignez, e mandou que fosse applicada aos dois a tortura, queimando-os depois.

Ouçamos o velho chronista Fernão Lopes, narrar as peripecias d'este barbaro supplicio:

«A maneira da sua morte, sendo dita pelo miudo, seria muito estranha e crua de contar,

Acabada a sua crua vingança mandou conduzir os restos de D. Ignez, de Coimbra para o mosteiro de Alcobaça, para um tumulto que tinha mandado fazer, digno de receber os tristes despojos, a par d'outro tambem para si.

Morreu a 18 de janeiro de 1367.

Porto, 9 de dezembro de 1884.

JOSEPH ANTONIO DE BETTENCOURT.

— 1884 —

**ALBUM**

**DIA DE FINADOS**

Da egreja a voz afflicta se ergue tremula  
e por seus filhos clama; ide, choraes!

hoje é dia de mortos; soluçando  
orae, orae!

A luz do sol, que ora desponta livida  
 simelha a vida; a vida assim se esváe!  
 se as flores da existência breve murcham  
 orae, orae!

O' vós que tendes olhos, vossas lagrimas  
 sobre as cinzas dos mortos derramae,  
 para que os filhos vossos por vós chorem;  
 orae, orae!

O coração se parte e da alma a angustia  
 não a traduz o soluçar de um ai!  
 tradul-a a prece, quando a Deus se eleva;  
 orae, orae!

Filhos que andaes no mundo inconsolaveis  
 sem arrimo nenhum de mãe nem pae;  
 por vossos paes e mães, de joelho em terra,  
 orae, orae!

Cabellos soltos, lacrimosas, pallidas  
 viuvas, dos esposos vos lembrae,  
 vossos amparos foram, dae-lhes preces  
 orae, orae!

Que tristeza, meu Deus!... Que anniversario  
 De dôres pelo mundo hoje não vae!  
 Orar na vida é merecer na morte;  
 orae, orae!

JOSÉ SIMÕES DIAS.

## REVISTA DOS THEATROS

**O**S AMADORES não têm razão de queixa. Referimo-nos aos amadores de boa musica, aos *habitués* de S. Carlos e da Trindade.

O *Fausto* pela Devriès e por Devoyod é um encanto, uma delicia, um primor.

Se podêsse haver uma phrase nova para explicar o entusiasmo, que aquelles dois artistas sabem despertar nos *dilettanti*, seria para nós um prazer encontral-a, porque desejavamos addicionar mais uma parcella à somma de elogios que a imprensa tem dispensado aos dois divinos cantores.

Ao *Fausto* vae seguir-se o *Hamlet*, em que Fides Devriès faz o papel de Ophelia e Devoyod o do tragico personagem do drama de Elsenor.

Pôde já calcular-se o exito notavel d'essa opera pelo desempenho que teve o *Fausto*, e por isso é geral a anciedade de que chegue a noite, em que aquelles celebres artistas ponham em evidencia as bellezas da sombria tragedia que inspirou o laureado maestro do *Hamlet*.

×

Na Trindade não faltam tambem ovações nem arrefece o entusiasmo.

A *Ave Azul* faz as delicias dos admiradores de Anna Pereira, de Josepha de Oliveira, de Diniz e de Queiroz.

A *opereta* é na verdade engraçada, e o maestro *Gazul* foi feliz, porque apresentou trechos de musica originaes e mimosos.

O desempenho é excellente.

Anna Pereira, no papel que lhe foi distribuido, vence com perfeita maestria todas as difficuldades e conserva a reputação que alcançou de uma artista *hors ligne*, unica, incomparavel.

Josepha d'Oliveira, sustenta briosamente os seus creditos de artista distincta, conscienciosa e intelligente.

Diniz, o auctor comico, tão conhecido e festejado pelos frequentadores do Gymnasio, apparece-nos na Trindade um barytono mais que supportavel, porque dá gosto ouvil-o.

De Queiroz, não dizemos coisa alguma, porque o publico conhece-o bem, como um artista estudioso, com verdadeiro merecimento e com qualidades tão apreciaveis, que nunca lhe escacearam admiradores.

A *Ave Azul* tem, pois, por si todas as condições necessarias para conservar-se longo tempo em scena. Bonita musica, enredo engraçado e bom desempenho abonam a nossa profecia.

## POR UM BEIJO

ROMANCE DE ERNESTO CAPENDU

(Continuado do numero antecedente)

XIII

### As myosotes

**S**ENHOR duque, respondi eu muito secamente, a vizita de v. ex.<sup>a</sup> honra-me sobremaneira, mas se não tem outro fim além d'aquelle, que acaba de expressar, peço licença para dizer-lhe que era totalmente inutil.

D. Paco sorriu-se.

— Socegue, disse-me elle, vim procural-o com outro motivo.

— N'esse caso pôde v. ex.<sup>a</sup> explicar-se.

— Com a melhor vontade.

— Tenho a honra de ouvil-o.

— Eu me explico, pois, sir Williams, disse D. Paco, sem perder a sua gravidade e fina delicadeza.

É necessario que v. ex.<sup>a</sup> saiba que eu nasci em Alicante, durante uma viagem, que meus paes

fizeram a Hespanha. Eu sou brasileiro pelo coração e pela alma, é verdade; mas conservei uma terna predilecção pela cidade andaluza, que me viu nascer.

— Predilecção perfeitamente justificada pela belleza do paiz, accrescentei eu.

D. Paco inclinou-se.

Para v. ex.ª, mylord, continuou elle, que conhece toda a superficie do globo, não são decerto desconhecidos os arrebaldes d'aquella formosa cidade.

— Conheço-os perfeitamente, disse eu, sem conseguir adivinhar o fim que teria uma conversação tão singularmente começada.

— Então, mylord, v. ex.ª conhece perfeitamente os bosques de laranjeiras, que cercam a cidade de Alicante?

— Perfeitamente.

— Esses laranjaes produzem abundantes frutos e as suas laranjas são as melhores, que o sol faz amadurecer.

— Não contesto, sr. duque.

— Perdão, v. ex.ª contesta.

— O que? disse eu, cheio de admiração, porque começava a suspeitar que o duque estivesse louco.

D. Paco olhou-me fixamente e repetiu a phrase:

— Mas ainda uma vez, exclamei eu, não o comprehendo.

— E' que talvez eu me explicasse mal em francez, respondeu o meu imperturbavel interlocutor. Eu deveria, reconheço-o, ter empregado o preterito e não o presente do verbo e dizer contestou.

— Ah! disse eu depois de alguns segundos de reflexão, parece-me que o comprehendo agora, sr. duque.

— O sr. tem realmente uma reputação de homem de espirito bem merecida.

— Nada de cumprimentos e fallemos claro. Se effectivamente adivinho o sentido occulto nas suas palavras, como creio, devo prevenil-o de que estamos jogando um jogo arriscado.

— Consente que eu acabe, mylord? O sr. disse uma vez que preferia as laranjas de Malta ás laranjas de Alicante.

— Não me recordo de ter dito tal, senhor duque.

— Não importa. O sr. disse-o e disse-o de tal maneira que, attenta a minha predilecção pelas laranjas de Alicante, vi nas suas palavras um insulto, do qual venho pedir-lhe uma retractação ou uma reparação.

— Mas, meu caro Williams, interrompeu Roberto, o duque não estava em perfeito juizo.

— Estava, sim.

— Como se explica então isso?

— O duque do Sandoval tinha um motivo para desejar bater-se commigo, motivo que eu ignorava e que conheci mais tarde, e que depois lhe explicarei e pelo qual nos vamos logo bater pela quarta vez. Além d'isso, meu amigo, o duque é o typo do velho fidalgo, hoje muito raro. E' um homem perfeitamente bem educado e que tem as mais bizarras theorias a respeito da honra de uma mulher. Elle receiava e com razão, que o nosso duello podesse reflectir-se na cunhada e não queria que o nome da marquezia podesse ser invocado n'este negocio, nem mesmo entre mim e elle, apesar da causa não ser outra que a minha assiduidade dos dias precedentes junto de Regina.

— Mas então elle estava apaixonado? interrompeu ainda Roberto com impaciencia.

— Não faça supposições, não queira adivinhar, deixe-me contar—disse sir Williams continuando a sua narração. Eu attingi o fim a que desejava chegar D. Paco e apressei-me a responder-lhe:

— Senhor duque, não me recordo das palavras que me attribue com relação ás laranjas de Alicante. Todavia como v. ex.ª afirma que as pronunciei, accetto toda a responsabilidade.

— Então não se retracta?

— De fórma alguma. Um duello com v. ex.ª é uma honra tão subida, que não cuido em desprezal-a.

— Sir Williams, o sr. é um perfeito gentleman—respondeu-me D. Paco com emoção. Daria dez annos da minha vida para que nos encontrassemos em circumstancias diversas, porque tenho a certeza de que, conhecendo-nos melhor, seriamos verdadeiros amigos. O acaso, porem, determinou o contrario e é forçoso obedecer-lhe. Vamos bater-nos. Mas, antes, quero pedir-lhe desculpa da minha brusca e barbara provocação.

— Só tenho que agradecer, senhor duque e não posso em consciencia admittir as suas desculpas, quando v. ex.ª me faz a honra de arriscar a sua contra a minha vida.

— Então permitta, mylord, que, antes de cruzarmos os ferros, lhe aperte a mão. A minha não encontrou nunca nenhuma mais firme e mais leal.

— É esse o meu pensamento, respondi eu estendendo a mão a D. Paco que a apertou af-

fectuosamente.—Agora estou ás ordens de v. ex.ª.

—Muito bem! a manhã está esplendida, o meu trem está á porta, quer v. ex.ª dar um passeio até ao campo?

—Com a melhor vontade.

—Entre pessoas da nossa cathegoria, sir Williams, creio que as testemunhas são escusadas. Que lhe parece?

—Que sim.

—Eu tenho lá embaixo o meu criado de quarto, faça-se acompanhar tambem do seu. Os dois criados cuidarão do que ficar ferido.

—Ou do que ficar morto, accrescentei eu, sorrindo.

—A proposito, mylord, continuou D. Paco parando ainda dentro da sala. Esquecia-me de dizer-lhe que é sua a escolha das armas.

—É uma escolha que deixo á sua disposição, sr. duque.

—Não, mylord, não entendo assim. O sr. de certo ha de ter pistolas de viagem.

—Tenho.

—Na caixa do trem tenho eu floretes, diga-me pois o que prefere:

—Não tenho predilecção accentuada...

—Então tiremos á sorte.

—Pois seja.

D. Paco tirou do *portemonaie* uma moeda hespanhola e disse: Cruzes, pistolas—cunhos, florete—agrada-lhe?

—Perfeitamente.

O azar decidiu pelo florete.

—Partamos, disse eu.

D. Paco inclinou-se e saímos.

## EXPEDIENTE

A ILLUSTRAÇÃO POPULAR completa com este numero um semestre e suspende a sua publicação.

A empresa, quando iniciou este semanario illustrado, não teve em vista fazer concorrência ás publicações congeneres, nem explorar o povo a quem a dedicou.

O fim unico da publicação foi proporcionar ás classes proletarias um hebdomadario illustrado por um preço modico e com assumptos acomodados ao grau de instrucção dos seus leitores. A empresa cumpriu religiosamente o seu programma á custa de inumeros sacrificios; mas

não pôde levar tão longe a sua abnegação, que continue a comprometter capitaes, em proveito d'uma parte dos assignantes, que só o eram para receber cada numero, sem se lembrarem, que as publicações d'esta ordem são dispendiosas e exigem um desembolso immediato de dinheiro.

O numero 26 da *Illustração Popular* é o ultimo do semestre.

Os assignantes, que pagaram adiantadamente o anno, podem receber a quantia equivalente ao semestre, a que tinham direito, e aquelles, que receberam os 25 numeros sem pagar, devem satisfazer a sua divida, com a mesma pontualidade com que a empresa lhes distribuiu cada um dos numeros.

Da parte da empresa não ha o menor ressentimento para com o publico; porque a empresa teve sempre o bom senso de não esquecer a pequenez do paiz e as forças do mercado, para saber de antemão que não podia auferir lucros nem contar com prosperos resultados.

O preço que estabeleceu demonstra claramente a intenção, que presidiu á ideia d'esta publicação.

Só em uma cousa se enganou a empresa e foi em que, custando cada numero um vintem, houvesse quem se negasse a satisfazer a sua assignatura voluntaria, porque a ninguem foi imposta ou exigida.

A esses pedimos, que a satisfaçam, assim como declaramos aos que tiverem a haver o preço do segundo semestre a que o reclamem, apresentando n'esse acto o respectivo recibo annual.

Resta-nos agradecer a esses assignantes a confiança, com que nos honraram, á imprensa o favor que nos dispensou, recommendando a leitura do nosso hebdomadario, e aos cavalheiros que nos distinguiram com a sua collaboração a honra, que nos fizeram e que nós soubemos apreciar.

A EMPRESA.

## PASSATEMPO

EXPLICAÇÃO DO PASSATEMPO DO N.º 25

Charadas em verso—*Laranjeira*—*Areia*.  
Charadas novissimas—*Águia*—*Regato*—*Minos*—*Ocio*—*Soldado*.

Typ. da Empresa Litteraria Luso-Brazileira—Lisboa

5—PATEO DO ALJUBE—5